

O Rio de Janeiro nos Escritos dos Viajantes (1808-1821). Carollina Carvalho Ramos de Lima. – Humanas - História - Departamento de História – Faculdade de Direito, História e Serviço Social – Campus de Franca.

A literatura de viagem desde a descoberta do Novo Mundo foi, talvez, o maior veículo de propagação de imagens sobre o continente americano, os relatos, produzidos pelos próprios colonizadores, exprimiram observações e experiências sobre as novas terras e seus habitantes. Fomentando assim, o imaginário europeu para a construção de um quadro do que seria a América e os americanos. Sobre tais narrativas de viagem, devemos esclarecer que a França, dentre as nações européias, foi a que mais se destacou em número de publicações, apesar de ter possuído territórios efêmeros no continente recém-descoberto. Afinal, o imaginário francês sonhava com paraísos lendários, um mundo mitificado pelo maravilhoso que acabara de ser “inventado” pelos espanhóis e portugueses (CARELLI, p.31,1994). É nesse sentido, que podemos então, concordar com a idéia do historiador mexicano Edmond O’Gorman (p. 63, 1958) da “invenção filosófica” da América por seus colonizadores. Pois, observamos, que o continente americano que agora conhecemos, parece ter sido sempre assim, contudo ele o é partir do momento em que se atribui essa significação.

Dentro deste panorama, no qual se encontra inserida a Europa e suas respectivas colônias, é curioso pensar o caso português, que ao longo de trezentos anos (XVI-XVIII), adotou uma “política de sigilo” que restringia a entrada e permanência de estrangeiros em suas possessões coloniais. Política esta, que isolou o território, de forma tal a dificultar a recepção de estrangeiros e que por consequência teve pouca notoriedade na literatura de viagens, se comparada às colônias espanholas na América. Mesmo assim, os escassos relatos produzidos compõem um “pacote” de documentos importantes para os estudos sobre de Brasil colônia. Fontes estas, que por sua vez, foram bem explorados pela historiografia acerca do período colonial.

Cabe a esta pesquisa, no entanto, analisar a maior presença do Brasil nas narrativas produzidas no século XIX. Isto porque, é a partir do desembarque de D.João na colônia, que o país passa a receber um contingente significativo de estrangeiros. É sabido, pois, que em 1808, o monarca lusitano translada do Estado português à sua colônia juntamente com a Corte, afim, de escapar das tropas napoleônicas que ameaçavam invadir Portugal, retornando a Europa apenas em 1821 com a promulgação de uma Constituição Liberal que exige sua presença na metrópole – esse momento compreendido entre 1808 e 1821, ficou conhecido na historiografia como “período joanino”. E o que ocorre aí, é o estabelecimento da corte no Brasil que representa um momento singular na historia do país, uma vez que, o imperador incentivou o cultivo das letras e apoiou expedições científicas, artísticas e comerciais que visavam introduzir a modernização que a Europa vivia no momento. Além deste apoio que imperador externava às expedições de cunho científico, percebemos, que já em 1808 a transferência da corte foi escoltada por um esquadrão britânico. Evento este, que indica uma alteração na política adotada por Portugal em relação aos estrangeiros. Contudo, isso se fortalece na medida política tomada em 1810 por D. João, e que marca definitivamente o livre acesso às fronteiras brasileiras. Cabe lembrar, que nesse ano, o monarca lusitano decreta a Abertura dos Portos às nações amigas, pondo fim às restrições vigentes com relação à circulação e permanência dos estrangeiros no Brasil.

Até o começo do século XIX, como nos referimos anteriormente, a Coroa havia estabelecido inúmeras restrições quanto à permanência de visitantes estrangeiros no país: um navio poderia ficar ancorado por no máximo um mês, e as visitas em terra deveriam ser feitas na presença de um soldado da colônia. Todavia, a partir de 1808, tais restrições são flexibilizadas e, posteriormente, abolidas definitivamente com a Abertura dos Portos, quando os estrangeiros, principalmente ingleses, passam a transitar sem grandes problemas pelo país.

Após a referida Abertura dos Portos, a política joanina converge para mais uma decisão que instiga os anseios por Independência, ou seja, a elevação do Brasil à Reino Unido de Portugal e Algarves, em 1815. É nesse contexto de efervescência política que a capital do Império - o Rio de Janeiro – difundiu uma série de padrões, consequência esta, da presença européia e de seus costumes no país. O grande número de estrangeiros que visitaram a colônia portuguesa, ou até mesmo os que aqui se estabeleceram (principalmente, na sede fluminense) exigiu que a cidade criasse mecanismos para

atender as novas demandas de moradia, bens e serviços, basicamente. Diante a esses fatores, a presença estrangeira altera o ritmo e as necessidades do cotidiano carioca oitocetista.

Faz-se necessário lembrar, até mesmo, pelo que sugere algumas narrativas anteriores ao desembarque de D. João VI, que o Rio de Janeiro era paragem comum para àqueles navios que se dirigiam para o sul, sobretudo, para o Cabo da Boa Esperança, na cidade, tais embarcações concertavam avarias e providenciavam alimentos e água fresca. Apesar das restrições impostas pelas autoridades à circulação de estrangeiros nas imediações, e já explicitada acima, pode-se constatar que as tripulações dos navios ancorados, se devidamente acompanhados por oficiais portugueses, tinham autorização para transitarem pelas ruas, freqüentarem as casas de comércio, visitarem as Igrejas e os conventos e até mesmo excursionarem pelos arredores da urbe. Dessa forma, o que se percebe, que pós-desembarque do monarca, o que ocorre e a diminuição das imposições da Coroa, favorecendo assim, para que naturalistas, botânicos, comerciantes, marinheiros, artistas e aventureiros descrevam suas experiências na capital carioca, e nas demais cidades brasileiras.

Dessa maneira, o momento histórico para que se volta esta pesquisa - a presença da Corte portuguesa entre 1808 e 1821 (recorte temporal deste estudo) - desencadeia, na capital do Império Luso-brasileiro uma série de mudanças de cunho político, econômico e cultural. Mudanças estas, que contribuem para revelar a importância da cidade carioca, destino comum para as expedições estrangeiras, e que por sua vez, são retratadas pelos próprios viajantes, como por exemplo, o comerciante inglês Jonh Mawe que comentou:

“Nenhum porto colonial do mundo está tão bem localizado para o comércio geral quanto o Rio de Janeiro. Ele goza, mais do que qualquer outro, das facilidades de intercâmbio com a Europa, América, África e Índias Orientais e as Ilhas dos mares do Sul, e parece ter sido criada pela natureza para se constituir o grande elo de união entre o comércio dessas grandes regiões do Globo” (MAWE, 1812, pp107).

O que se pode concluir, portanto, é que as narrativas de viagem sobre o Rio de Janeiro joanino se submetidas a um exame crítico, podem ser tomados como testemunhos mais ou menos verossimilhantes da vida que então se levava na cidade. Para mais, tais relatos podem ser tomados também como propagadores de conceitos e idéias sobre um determinado povo e lugar. A essa utilidade, acrescentaríamos uma outra, relacionada estritamente com a história da cultura e do povo brasileiro, referimo-nos ao estudo de como as impressões sobre o Brasil, elaboradas e difundidas pelos visitantes europeus, influenciaram a elite intelectual (especificamente a fluminense) da primeira metade do século XIX, que foi a implementadora dos pilares culturais que, depois de 1822, passa a autodenominar-se nacional. O que, em linhas gerais, cabe avaliar o quanto tais noções se incorporaram ao discurso dessa elite e em que medida, algumas delas ganharam alcance nacional e entraram na composição da imagem que os brasileiros têm de si próprios e de seu país.

Assim, diante deste contexto político, econômico e cultural do início do século XIX, nos propomos a analisar cerca de trinta escritos¹, por nós já catalogados, dentre os quais encontram-se correspondências, diários e narrativas dos viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821, o que nos permite atingir o objetivo cerne deste projeto, que consiste em mapear as noções comuns que têm a maioria dos autores a respeito dos cariocas e sua cidade. Contudo, é importante ressaltar, que não faz parte de nossas pretensões, comparar as descrições com outros tipos de documentos, a fim de buscar o *real* funcionamento do Rio de Janeiro. O foco de nossos estudos é sim, o de compor um quadro criado pelos visitantes da capital do império luso-brasileiro, quadro esse, que pode fugir das perspectivas de outros documentos (atas do governo, certidões, registros do Paço imperial).

¹ As publicações de ARAGO, BRACKENRIDGE, CALDCLEUG, (Louis de) FREYCINET, GENDRIN, M'LEOD, MATHISON, OUSELEY, POHL, RADDI, SHILLIBEER, estão digitalizadas e foram encontradas no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros); DEBRET, LEITHOLD E RANGO, LUCCOCK, MAWE, RUGENDAS, SAINT-HILAIRE, SPIX E MARTIUS se encontram no acervo da biblioteca da UNESP/Franca; (Rose de) FREYCINET, MACQUARIE, MORIER, O'NEIL, foram cedidos pelo Prof. Dr. Jean Marcel C. França que orienta este trabalho; os demais: BEYER, CAMPBELL, CHAMBERLAIN, ELLIS, ESCHWEGE, M'LEOD, PRIOR, WIED, estão a disposição em acervos digitais de bibliotecas nacionais e internacionais.

Referências Bibliográficas:

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida privada e ordem privada no Império*. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 4^a. Ed. Vol. 2. (org. Luis Felipe de Alencastro; coord. Fernando Antonio Novais). (12-95 pp.).
- ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. *Diários de viagem*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- ANDRADE, Antonio A. Banha de. *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão pela Europa das notícias dos Descobrimentos geográficos portugueses*. Lisboa: Junta de Investigações Ultramar, 2 vol., 1972.
- BARREIRO, José Carlos *Imaginário e Viajantes do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BARRETO, Luis Felipe. *Os descobrimentos e a ordem do saber: uma análise sociocultural*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1995.
- BERGER, Paulo. *Bibliografia do Rio de Janeiro. Viajantes e autores estrangeiros. 1531-1900*. 2^o ed. Rio de Janeiro: seec, 1980.
- CAMPOS, Pedro Moacyr. “Imagens do Brasil no Velho Mundo”. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Org. Sérgio Buarque de Holanda. Tomo II: “O Brasil Monárquico”. Vol 1. “O processo de emancipação”. São Paulo: Difel, 1985.
- CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.
- CARELLI, Mario & Lima, Ivan. *Brasil-França: Cinco séculos de sedução*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- DIAS, João Sebastião da Silva. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- ELLIOT, John H.. *The World and the New 1492-1650*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1999.
- _____. *Visões do Rio de Janeiro Colonial: antologia de textos, 1531-1800*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, José Olímpio, 1999.
- _____. *Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial: antologia de textos, 1531-1808*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, José Olímpio, 2000.
- FRANCO, Afonso de Arinos de Melo. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade*. 2^a ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília, 1976.
- GOODMAN, Edward Julius. *The exploration of South America: an annotated bibliography*. New York: Garland Pub., 1983.
- _____. *The explores of South America*. Norman: University of Oklahoma Press, 1992.
- LEITE, Miriam Moreira (Org). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo, Hucitec, Brasília: Pró-memória, 1982.
- _____. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. 3^oed, São Paulo: Topbooks, s.d.
- MARTINS, Luciana Lima. *O Rio de Janeiro do viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. e ABREU, Mauricio A. “Paradoxes of modernity : Imperiel Rio de Janeiro, 1808 – 1821”. 1999
- MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- O’GORMAN, Edmond. *La invencion de America; el universalismo de la cultura de Occidente*. México : Fondo de Cultura Economica, 1958.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SARAIVA, Antonio José & Lopes, Oscar. “Literatura de viagens ultramarinas”. In: *História da literatura portuguesa*. 5^a ed. Porto: Porto Editora, s.d.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Nacional, 1978.

_____. (org) *Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Estampa, 1993.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAUNAY, Affonso de E. *Visitantes do Brasil colonial. (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Nacional, 1933.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história e cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1985.

ZAVALA, Silvio. *A América en el espíritu francés del siglo XVIII*. México: Edicio de el Colegio Nacional.

Bolsa: FAPESP